

A GEOGRAFICIDADE DO COTIDIANO COMO CATEGORIA CIENTÍFICO-DIDÁTICA PARA ENSINAR E APRENDER NA ESCOLA

THE GEOGRAPHICITY OF DAILY LIFE AS A SCIENTIFIC-DIDACTIC CATEGORY
TO TEACH AND LEARN AT SCHOOL

LA GEOGRAFICIDAD DEL COTIDIANO COMO CATEGORÍA CIENTÍFICO-
DIDÁCTICA PARA LA ENSEÑANZA Y EL APRENDIZAJE EN LA ESCUELA

Adriana Maria Andreis

Universidade Federal da Fronteira Sul

adriana.andreis@uffs.edu.br

Resumo: No âmbito da educação, o cotidiano é frequentemente apontado como referência enquanto conteúdo, por estar implicado nos conhecimentos conceituais, e enquanto elo na mediação pedagógica devido à sua articulação com as relações construídas pelos sujeitos nas aulas. Essa arguição remete à relevância de configurar teoricamente a noção de cotidiano, o que nos empenhamos para realizar neste texto por meio da sua sustentação alicerçada no espaço geográfico. Propomos que o cotidiano seja entendido e assumido como categoria científico-didática da área da Geografia, por sua implicação ao espaço e à ciência geográfica, e por se configurar como dispositivo às aprendizagens de conhecimentos e conceitos nas diferentes áreas do conhecimento. Assim, o objetivo deste artigo é compreender a dimensão geográfica do cotidiano, sustentando-o como categoria científico-didática, que serve como modos de conhecer e pensar, intrincados ao espaço geográfico. Configurada como ensaio teórico, a pesquisa permite inferir que o cotidiano é dispositivo às aprendizagens sistemáticas, se pautado em pressupostos científico-didáticos da Geografia, e que, para isso, é importante reconhecê-lo enquanto arquitetônica espaço-temporal elaborada pelos sujeitos e o diálogo como possibilidade metodológica nas aulas.

Palavras-chave: Geografia, categorias geográficas, categorias científico-didáticas, arquitetônica espaço-temporal.

Abstract: In the context of education, daily life is frequently pointed as a reference as content, because it is applied in the conceptual knowledge, and as a link in the pedagogic measurement due to its articulation with the relationships built by the individuals at school. This claim refers to the importance of theoretically configure the notion of daily life. This is what we devote ourselves to achieve in this text by means of supporting it to the geographic space. We propose that daily life can be understood and assumed as a scientific-didactic category in the field of Geography, by its implication to the space and to the geographic science, and because it sets as a device to concepts and knowledge learning in different areas of expertise. Therefore, the objective of this paper is to understand the geographic dimension of daily life, which is sustained as a scientific-didactic category serving as ways to know and think connected to the geographic space. Setting as a theoretical essay, the research allows us to infer that daily life is a device to the systematic learning, it is grounded in scientific-didactic assumptions in Geography, thus it is important to recognize it while space-time architectonics designed by individuals and the dialog as a methodological possibility in classes.

Keywords: Geography, geographic categories, scientific-didactic categories, space-time architectonics.

Resumen: En el contexto de la educación, la vida cotidiana se conoce a menudo como una referencia como contenido, porque está implicada en el conocimiento conceptual y como un vínculo con la mediación pedagógica, debido a su articulación con las relaciones construidas por los sujetos en la clase. Este argumento infiere la relevancia de configurar teóricamente la noción de vida cotidiana, que nos esforzamos por lograr en este texto a través de su apoyo basado en el espacio geográfico. Proponemos que la vida cotidiana sea entendida y asumida como una categoría científico-didáctica en el área de la geografía, debido a su implicación para el espacio y la ciencia geográfica, y porque se configura como un dispositivo para el aprendizaje de conocimientos y conceptos en los diferentes áreas del conocimiento. Así, el objetivo de este artículo es entender la dimensión geográfica de la vida cotidiana, sosteniéndola como una categoría científico-didáctica, que sirve como forma de saber y pensar, intrincadas al espacio geográfico. Establecida como un ensayo teórico, la investigación nos permite inferir que la vida cotidiana es un dispositivo de aprendizaje sistemática, basado em principios científico-didáticos de la geografía, y que es importante reconocerlo como arquitectónica espaciotemporal elaborada por los sujetos y teniendo el diálogo como posibilidad metodológica en las clases.

Palabras-clave: Geografía, categorías geográficas, categorías científico-didácticas, arquitectónica espaciotemporal.

“Me preguntaste si lo cotidiano se puede considerer una categoría de la Geografía. [...] Si quiere implicar que es un elemento entre muchos otros en la organización espacial de una sociedad, o el mundo, entonces sí. También, como todas cosas, tiene una forma espacial”

(MASSEY, 2013).

Introdução

Considerando que o espacial nem sempre é geográfico, mas que o geográfico tem sempre uma dimensão espacial destacamos a assertiva de Massey (2013) acerca da espacialidade inerente ao cotidiano. Esta arguição acerca da geograficidade do cotidiano como categoria científico-didática viemos configurando nos últimos anos¹, em diálogo sustentado na obra de pesquisadores, especialmente da Geografia e da Educação. Essa pesquisa remete à afirmação da espacialidade geográfica do cotidiano, assumida como sustentação teórico-metodológica, como princípio científico-didático contributivo à educação.

Argumentamos, nesse sentido, que o cotidiano pode ser entendido e assumido como categoria científico-didática da Geografia, por sua implicação ao espaço geográfico e à ciência geográfica, e por se configurar como dispositivo às aprendizagens de conhecimentos e conceitos nas diferentes áreas do conhecimento. Considerando essa articulação, neste artigo, dedicamo-nos à sustentação desse périplo, com o objetivo de compreender a dimensão geográfica do cotidiano, sustentando-o como categoria científico-didática, que serve como modos de conhecer e pensar, intrincados ao espaço geográfico.

¹Andreis (2014).

Assumindo que essa perspectiva geográfica tem elementos contributivos para outras áreas do conhecimento, organizamos o texto em partes. Na primeira, o empenho é arguir acerca da geograficidade do cotidiano por meio da relação com o espaço geográfico, que é objeto da ciência Geografia. Na segunda parte trazemos elementos para afirmar o cotidiano, como “aqui-agora”, para além da atualidade dos lugares, como arquitetônica de sentidos dos sujeitos, que servem à construção dos significados na aula. A terceira parte apreende esse complexo e especifica a categoria e a dimensão científica e didática do cotidiano, como contributo às aprendizagens e ao ensino. Nas considerações finais sustentamos o cotidiano geográfico como basilar à mediação nas aulas e realizamos apontamentos conclusivos que se referem à atenção necessária no percurso desse reconhecimento.

Espaço geográfico e cotidiano

Começamos a arguição alegando acerca da geograficidade do cotidiano, pois nessa afirmação habita o alicerce que sustenta o conjunto da arguição, envolvendo o cotidiano enquanto categoria geográfica, e sua proposição como processo que serve, nas diferentes áreas, às aprendizagens na escola e, também, na universidade.

Cotidiano é uma dimensão que só pode ser entendida entremeada com a noção de espaço geográfico. E espaço geográfico envolve os processos resultantes de interações entre os humanos, e destes com o que não é humano. Nesse entrecruzamento multiescalar (distintos lugares), multirrelacional (relações de entrada/saída) e multidimensional (diferentes modos de relações), produzem-se lugares singulares, relacionais e sempre em construção, constitutivos de mundo, como propõe Massey (2008). Os sistemas de objetos e de ações, como argumentado por Santos (2000), compõem esse espaço geográfico, pois estão sempre nesse entrecruzamento. Essas ideias dos geógrafos afirmam a dimensão do social (espaço) que tem relações de interdependência com a dimensão da mudança (tempo).

Espaço geográfico é produzido e representado pelos próprios sujeitos que o produzem e representam. É sempre bom lembrar acerca dessa autoria na construção dos lugares do mundo, também, das representações cartográficas, que são recursos criados, dotados de endereço, autoria e data de criação e validade. Portanto, Geografia não é mapa, e o mapa não é o espaço geográfico. Esse complexo autoral, que só pode ser humano, do espaço geográfico, permite entender que a dimensão do cotidiano tem nascedouro e morada constituída pelas relações entre humanos. Essa proposição significa reconhecer que o espaço não pode ser tratado como mero objeto técnico, porque desse modo seria entendido como não componente

da vida. E é esse o esforço de Massey (2008) quando questiona o encerramento na sincronia, as armadilhas do mapa, a superficialidade e instantaneidade do espaço como recorte do tempo sem profundidade (forma que critica como horizontalidade) e a globalização como unicidade do espaço.

Compreender o espaço como vivo, relacional, como produção dos sujeitos, passa pelo entendimento de que o cotidiano construído implica e é implicado pelo espaço geográfico, pois é uma dimensão fundamentalmente decisiva do modo como vivemos e construímos e do modo com pensamos e representamos o mundo. A forma como compreendemos e como interagimos, tem, assim, relações que remetem ao cotidiano e ao espaço geográfico.

O cotidiano, como inerente ao espaço geográfico, atribui centralidade à relação vida-espço e também ao espaço-vida na relação com a vida que se constrói no ensino escolar. Movimento epistemológico e didático, pois as produções que a Geografia (movimento que acontece também em outras áreas) vem desenvolvendo² consideram sempre mais (mesmo que em diferentes perspectivas) o cotidiano dos sujeitos como elo fundamental ao ensino e também à escola como constructo no qual o cotidiano deve ser considerado. Uma inclinação a considerar “um sistema de realidades, ou seja, um sistema formado pelas coisas e a vida que as anima” (SANTOS, 2008a, p. 27) e que fazem parte do mundo existente, caracterizando-se também como linguagem, como discutido na obra de Mikhail Bakhtin.

Como dimensão do social, o espaço geográfico, nas palavras de Milton Santos, “contém as demais instâncias. Ele é, também, contido nelas, na medida em que os processos específicos incluem espaço [...]” (1985, p. 2). O autor reforça a ideia de que todos são autores do cotidiano que constitui espaço geográfico, o que remete a discussão da perspectiva histórico-dialética (CAVALCANTI, 1998), segundo a qual, o cotidiano se constrói socialmente no diálogo com os outros. Outros, no sentido de que outros-eus contribuem para que o sujeito se constitua. Mas é prudente referir que essa noção de outro é tão dispersa que é possível compreender apenas como ideologia. E, “[...] a ideologia é social e se constrói em todas as esferas das interações”. Então, “[...] podemos definir a *ideologia*, portanto, como um conjunto de valores e de ideias que se constitui através da *interação* verbal de diferentes *sujeitos* pertencentes a diferentes grupos socialmente organizados na *história* concreta” (GEGe, 2009, p. 59-60, grifos dos autores).

Reiteramos essa compreensão, devido à responsabilidade do humano na produção do espaço geográfico e do cotidiano. São os sujeitos sociais que, por meio de suas interações com

² Entre outros pesquisadores, destacam-se as investigações e publicações de Helena Copetti Callai, Lana de Souza Cavalcanti e Sônia Castellar.

a natureza, constroem o espaço geográfico; porém, é uma construção que vai sendo também por ele influenciada, porque toda relação se realiza já com um espaço geográfico existente, porque ninguém nasce e começa tudo de novo. Podemos pensar sobre isso atentando ao que Milton Santos menciona ao referir que os comportamentos pessoais contribuem para modelar o espaço (2008b). Como o próprio geógrafo define, a liberdade humana não é absoluta, mas condicionada pelas relações.

Cotidiano é espaço geográfico, por um lado, porque, como refere Massey (2013), é um elemento entre muitos outros na construção e organização de uma sociedade ou do mundo. Por outro lado, o cotidiano constitui o espaço geográfico, simplesmente porque “fora do espaço não há realização, o espaço é assim produzido por uma conjunção particular de processos materiais e de processos de significação” (WHITEHEAD e LAGOPOULUS *apud* SANTOS, 2000, p. 71). Significações que se constroem por meio de compreensões acerca das interações que resultam em espaço geográfico.

A dimensão geográfico-espacial do cotidiano desencadeia um acontecer que se realiza sempre em um lugar, em relações com o território e a região, e se expressa na paisagem, embora não seja analisado por nenhuma dessas importantes categorias da Geografia. A configuração específica do cotidiano contribui para a análise espacial da perspectiva do sujeito que vive o espaço, que o produz e por ele é produzido, ou seja, impõe a dimensão humana: que, influenciada pela natureza, decide as produções e as representações. Cotidiano dota de vida o social da dimensão geográfica do espaço. E não é, quanto a isso, mera metáfora pós-modernista que quer atribuir vida ao espaço³.

As construções do espaço geográfico e dos entendimentos acerca dele ocorrem nos lugares e em relações com eles, mas, também, ocorrem sempre de modo intersubjetivo, porém, são compreendidas singularmente. É aí que habita a noção de cotidiano como arquitetônica espaço-temporal de sentidos, que é dispositivo para a construção dos significados dos sujeitos.

Isso permite afirmarmos que a ideia de arquitetônica espaço-temporal de sentidos que servem à construção de significados, mesmo contendo um sujeito autor, tem uma constituição e vivência coletiva-social-ideologicamente em construção. Nisso se reconhece que o sujeito é também autor do cotidiano, e é pelas relações com os outros, sejam outros humanos ou não humanos, que cria espaço e com ele é criado. É a argumentação a que nos dedicamos a seguir.

³ “A literatura do pós-modernismo é plena de metáforas geográficas. [...] Pós-modernistas de toda obediência se valem das palavras do nosso *métier*, para sugerir, com base na aceleração contemporânea, que o espaço não existe, a região não existe e o lugar também não existe mais” (SANTOS, 2008c, p. 155).

A qual cotidiano no referimos?

Assim como dotar de vida o espaço geográfico não é uma metáfora pós-modernista, como lembrou Milton Santos, também, compreender o cotidiano como arquitetura espaço-temporal viva não é uma metáfora poética e também não carrega, ao menos como princípio, a pretensão de ser política, a que uma metáfora pode se prestar, como Veiga-Neto (2012) sugere. É categoria que auxilia na compreensão dos processos de significação dos conhecimentos porque, como lembra Milton Santos, “metáforas atingem a consciência, mas elas, de modo geral estão longe de fornecer os instrumentos de análise da realidade” (2008c, p. 156).

Assim, o cotidiano diz respeito ao sujeito social e coletivo que é singular, portanto inseparável da noção do outro. É uma voz exclusiva, mas sempre dialógica (BAKHTIN, 2010, WERTSCH, 1993). Por isso o cotidiano envolve as dimensões que Milton Santos chama de “vida cotidiana do cidadão” e o “cotidiano da vida internacional” (2008b, p. 227).

Convém lembrar que a alienação e o sujeito como ator, discutidas por Henri Lefebvre e Michael de Certeau, também, estão contempladas nessa interpretação que o sujeito realiza. Nesse sentido, a discussão de Agnes Heller contribui ao debate, pois analisa o cotidiano como a vida primeira que envolve cada pessoa e seus grupos. Assim, as limitações quanto ator e as possibilidades de liberdade de criação como autoria, podem ser inferidos a partir de seus debates.

Um sujeito social tem determinações e liberdades, um cotidiano real, próximo, visível e compreendido. Tudo isso envolve sempre um “aqui-agora” no qual acontece, mas envolvendo compreensões sociais e em escala planetária. Compreensão que não prescinde; ao contrário, inclui com a mesma intensidade o ontem e o amanhã. Como escolha por desejo, necessidade ou obrigatoriedade em acordo com sua arquitetura espaço-temporal, envolve a dimensão do saber coimplicado com o fazer.

É possível pensar em lugar numa perspectiva que põe acento no “local-onde” e em cotidiano com acento no “onde-quando”, considerando que, quanto ao “quando” na Geografia, em referência à relação entre espaço e tempo, recém argumentada, esse “quando” é “agora”. Ou seja, a relação distintiva remete à concepção de cotidiano como a atualidade do espaço que, na perspectiva de categoria geográfica, põe em relevo diferentes aspectos relacionados com o que comentamos anteriormente (como ocorrências e informações da atualidade). Quanto a isso parece que, empiricamente, essa relação é melhor resolvida, porque os alunos parecem não ter dúvida de que a discussão acerca da atualidade (considerando o que

antes analisamos sobre a relação informação-conhecimento) cabe à Geografia. Porque envolve sempre algum “lugar” “onde” acontecem os fatos, que acontecem “agora”, e que trazem para ser analisados⁴.

Cotidiano reporta a referências relacionadas com a atualidade, enquanto que o lugar reporta a referências relacionadas com a localidade. Ambas as noções entendidas como construções relacionais na dimensão do social, espacial. É possível confluir com a inseparabilidade de cotidiano e lugar, relacionado ao que viemos afirmando acerca do cotidiano como constructo no “aqui-agora”, ou seja, tem envolvida a ideia de lugar. Justificamos essa afirmação pelo fato de que lugar põe acento na dimensão do “aqui” e cotidiano põe acento na dimensão do “agora” deste “aqui”. Isso ratifica a associação entre essas categorias analíticas da Geografia, reafirmando não ser possível configurá-las separadamente, porque *espaço* pressupõe a análise do “aqui” no “agora”. Ambas compreendidas como noções “descerradas”, pois são processos de confroencontro⁵ que se atravessam.

O “aqui” intrincado ao “agora”, resultado (provisório) de aprendizagens e relações, que está coimplicado nas aprendizagens que os sujeitos estão realizando. Cotidiano como “aqui-agora” não é apenas um sujeito e um enunciado, mas uma elaboração arquitetônica espaço-temporal intersubjetiva, na qual a dimensão do “entre” é central. No complexo do espaço geográfico enquanto dimensão do social, o acento do cotidiano envolve a dimensão do “aqui-agora”, compreendido na conjunção do onde-quando. Confroencontram-se o onde tu estás e onde eu estou neste momento, não apenas como local, mas como conjunto de compreensões envolvidas com o ingrediente do momento. O aqui se refere a duas perspectivas, a cada lugar do mundo e a cada sujeito que constitui os lugares. O agora não se refere apenas a esta hora, minuto ou segundo. Contempla, também, o dia, semana, mês ou até mesmo a contemporaneidade.

Nesse entendimento, o cotidiano envolve um “aqui” exclusivo, no qual há formas, cores, dimensões, posições. Mas não são elas que impõem significados. Também não podemos dizer que não oferecem elementos potentes para a construção dos significados que atribuímos, porque são componentes do processo de significação. Também individualmente não os construímos ou determinamos. Porque são elaborações sociais (provisórias e abertas)

⁴ Cabe apontar que nos empenhamos para acentuar a relação espaço-tempo e a ideia de que a vida de um dialoga com a do outro. A ausência dessa relação reduz o lugar e o cotidiano à determinação e matematização.

⁵ Confroencontro é um termo cunhado para configurar o entendimento da sempre presença de confronto em todo encontro (confro + encontro), argumentado como processo inerente à perspectiva dialógica (ANDREIS, 2014, p. 18).

das múltiplas vozes que compõem a nossa voz, o que envolve entendimentos sobre o que nos cerca como significados sociais, não apenas como relações concreta e presencialmente vividas. Para a Geografia, é assim que o cotidiano põe acento na vida dos sujeitos. É um entendimento pelo viés dialógico, como abertura que aposta no jogar com os limites, nas transições graduais e flexíveis e nas variantes espontaneamente criativas que constituem a reflexão sistemática, como diálogo propositado que provoca o pensar internamente persuasivo (WERTSCH, 1993).

Notemos que o lugar onde e os tempos presentes compõem a noção de cotidiano. Portanto, cotidiano infere diretamente a dimensão espacial geográfica e temporal histórica, as relações pelas quais os sujeitos compreendem os lugares e o mundo. São relações entre gente que interativamente constrói significados sociais. Relações nas quais o espaço se impõe, mas como uma construção do próprio social. Envolve a noção espacial, os pensamentos, valores e sentimentos em todos os seus movimentos que são sempre entre o “agora de um” e os “aqui-agora” dos outros. Por isso, não se pode falar em dar vida ao espaço, porque ele é vida e a vida é que o produz. São processos entretecidos de dimensão construída com os outros que, no processo de se constituir, vai construindo espaço.

O cotidiano é acontecimento sempre novo em cada sujeito coletivo e, a cada vez, em relação de interdependência com um contexto espacial que, obrigatoriamente, envolve a dimensão social e temporal. E cotidiano é espaço geográfico, porque é no contexto do “aqui” e “agora” que envolvem o ontem, o amanhã e os acolás. Cotidiano é assim, também, tempo, mas este, como viemos afirmando, está indepassavelmente⁶ implicado no espaço. Cotidiano diz respeito à atualidade das relações nos e entre os diferentes lugares, na perspectiva interpretativa e dialógica do sujeito, por isso como categoria científica e didática, já que envolve a arquitetônica espaço-temporal das redes que vão sendo construídas sempre provisoriamente como percepção e conhecimento.

E cabe lembrar, que “a percepção é sempre um processo seletivo de apreensão” (SANTOS, 2008a, p. 68), porque o mundo é constituído pelos lugares e cotidianos diferentes, porque os sujeitos que os compõem e os interpretam são singulares.

Referimo-nos a um cotidiano que tem implicado sempre um aqui, onde ocorre e um agora, que se refere ao momento atual no qual ocorre. Num esforço de abstração, e para deixar mais clara essa sustentação, podemos pensar cotidiano enquanto duas vias de uma

⁶ O termo indepassável, põe acento no “inquestionável atravessamento dialógico” fundamental à relação entre o cotidiano e o ensinar-aprender na escola, configurando-se assim em uma palavra adequada para esta argumentação (ANDREIS, 2014, p. 17).

mesma estrada. Duas vias, paralelas, portanto singulares, mas inseparáveis: enquanto cotidiano dos lugares e enquanto cotidiano dos sujeitos. A primeira via tem um tom de generalidade e objetividade; a segunda via tem um tom de singularidade e de subjetividade. Ambas vias compõem caminhos coadunados. Somente é possível separá-los teoricamente.

Os “aqui-onde/agora-neste momento” acontecem nos lugares que têm um cotidiano. Lugares que compõem o global. Mas o cotidiano também pode ser pensado como “aqui-agora” do global e do universal. É uma perspectiva que diz respeito aos conjuntos, como cotidianos coletivos, porque são acontecimentos nos locais e no mundo, ou universo em geral. Ainda, esta via, também, tem elementos de objetividade, pois resultam de compreensões mais amplas, elaboradas e veiculadas, por exemplo, pelos meios de comunicação.

A segunda via, os “aqui-onde/agora-neste momento” dos sujeitos, tem a ver com a nossa preocupação neste artigo, que envolve a perspectiva didática (que também é de natureza social). Nesta, a forma de se configurar como cotidiano é relacionada pela centralidade nos sujeitos, porque o cotidiano para eles é considerado desde seus pontos singulares de interpretação e de compreensão. A atribuição de sentidos ocorre no confronto com o que viemos denominando de arquitetônica espaço-temporal, que vai se construindo e que a cada nova vivência será significada de modo diferente e específico por cada sujeito⁷.

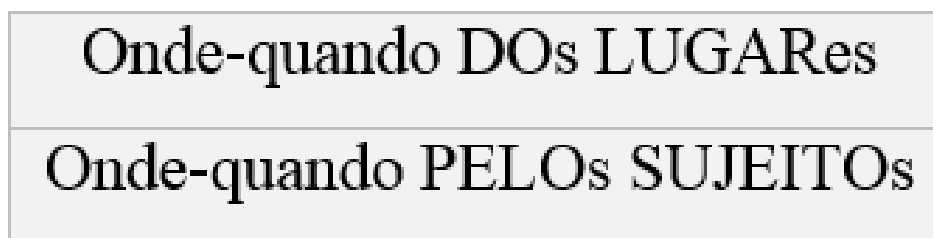


Figura 1: Cotidiano – “aqui-agora”
Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Cabe referir que o plural agregado ao/s lugar/es e ao sujeito/s, é para termos presente que o lugar sempre é arranjo específico, mas nunca isolado, e que o sujeito é singular, mas sua natureza é social. Onde-quando “do lugar” remete à generalidade e objetividade das compreensões mais abrangentes. Já o onde-quando “pelo sujeito” impõe uma compreensão singular que é construída de modo exclusivo por cada sujeito que compõe o lugar. O onde-quando dos lugares tem relação com a atualidade dos mesmos. O onde-quando dos sujeitos

⁷ Embora entenda que imagens possam prejudicar, porque conduzem à interpretação e limitam a construção aberta e livre das ideias, ainda assim represento graficamente essa relação-especificação, porque a condição indepassável de proximidade-inseparabilidade conceitual entre cotidiano e lugar exige essa construção geográfica de ambos na Geografia.

tem relação com o complexo de entendimentos específicos, que vai sendo construído, também, com as atualidades dos lugares.

Como dissemos, não é possível separar essas vias, porém, esse empenho teórico é necessário, pois a intenção é deixar claro que o cotidiano como categoria que interessa à mediação pedagógica, tem acentuada a via da atribuição de sentidos pelo sujeito. É a arquitetônica espaço-temporal a que nos referimos. E a intrincabilidade dessas dimensões é tão complexa que o “do lugar” é construído “pelo sujeito” e este “pelo sujeito”, também, resulta no “do lugar”.

O empenho para especificar o “pelo sujeito”, é investimento que compõe a configuração do cotidiano como categoria científico-didática. Nesse sentido, então, é que a arquitetônica espaço-temporal se refere ao complexo de relações que o sujeito elabora e que lhe serve como elo à atribuição de sentidos. Essas construções estão permanentemente sendo elaboradas e, toda vez que, na aula, são propostos conceitos e temas, é em diálogo com os tons emotivos e volitivos do conjunto de entendimentos até então elaborados e que constituem sua arquitetônica, que o aluno construirá os significados novos. É uma arquitetônica espaço-temporal porque as ideias construídas ocorrem indepassavelmente atravessadas pela espacialidade geográfica, que envolve distâncias, movimentos, objetos e interações, nas quais os tempos estão intrincados.

O científico e o didático do cotidiano como categoria geográfica

Ambas as vias do lugar e pelo sujeito são fundamentais para entender a geograficidade do cotidiano. Para compor com o argumento da dimensão científico-didática do cotidiano, organizamos inicialmente uma breve consideração envolvendo os porquês da escolha pela categoria ao invés de conceito. Depois, explicitamos a dimensão científica e didática do cotidiano, que entendemos ser base para as mediações entre professor, aluno e conhecimentos, nas aulas.

Quanto à noção de categoria

Discutindo questões relacionadas com o currículo como elaboração dos sujeitos escolares, Alves (2001) lembra que é fundamental atentar para o fato de que os pressupostos da tradição, além de indicarem elementos que tornam plausível a proposição, são também indicativos das suas fronteiras.

O conjunto de teorias, categorias, conceitos e noções que herdamos das ciências criadas e desenvolvidas na chamada modernidade e que continuam sendo um recurso indispensável, não é só apoio e orientador da rota a ser trilhada, mas, também e cada vez mais indicativo do limite ao que precisa ser tecido (ALVES, 2001, p. 19).

Ao sugerir “virar de ponta cabeça”, a pesquisadora atribui ênfase à parcialidade e à provisoriabilidade do conhecimento como acordo humano, o que sinaliza a possibilidade do pensar descerrada e prospectivamente. Porque o cotidiano como categoria científico-didática da Geografia é uma proposição interessada exatamente na “liberação do espaço” que está “sufocado até a morte”, pois é um esforço para colocá-lo em uma cadeia de análise espacial “onde ele possa ter vida nova e mais produtiva” (MASSEY, 2008, p. 42). Pela sua relação com a escola, é uma proposição interessada na atribuição viva de significados aos conhecimentos conceituais. Pois, cotidiano é dispositivo para pensar e não um entrave à compreensão, na medida em que seja utilizado como argumento para determinar a realidade segundo informações generalistas acerca da atualidade dos lugares dos outros.

Na configuração dessa conjugação entre cotidiano e espaço geográfico, ambos são pensados em processo de confronto dialógico. Esse empenho compreende “esforço de abstração, ao qual só é possível chegar-se por intermédio das categorias que definem uma dada realidade” (SANTOS, 2008b, p. 149-150). Ele envolve, também, a relevância da vigilância teórica, no contexto das proposições do âmbito científico. Essa relevância precisa ser ratificada, porque ao tematizar o cotidiano é preciso ter em conta o risco de “engessamento [...] para falar de algo que é efêmero, incontornável, caótico e imprevisível” (FERRAÇO, 2007, p. 77).

Por isso, ao invés de um princípio, lei ou conceito, propor o cotidiano como categoria científico-didática da Geografia é um oferecimento teórico prudente. Isso porque, nessa perspectiva, é dispositivo de abertura para a análise, reconhecendo que “as condições básicas da aprendizagem e os conteúdos dela se dão no concreto da história em sua realidade inscrita no aqui e agora da vida cotidiana” (MARQUES, 2000, p. 20). Ou seja, é processo inerente à significação dos conhecimentos. Serve como chave que descerra o pensar, em uma perspectiva hermenêutica e dialógica.

Categoria é entendida como uma instância de análise, um caminho (processual) interpretativo, uma perspectiva de abordagem, um instrumento analítico e um recurso metodológico. Abre-se para permitir uma abordagem científica (sustentada na radicalidade dos conhecimentos) e que compreende um pressuposto metodológico (sustentado no método

que se sustenta na relação natureza-sociedade e que apreende espacialidade geográfica) que conflui em afirmação do cotidiano como categoria científico-didática da Geografia.

Uma abertura que Milton Santos propõe permite depreender o cotidiano enquanto componente analítico da Geografia e anunciar que

[...] impõe-se, ao mesmo tempo, a necessidade de, revisitando o lugar no mundo atual, encontrar os seus novos significados. Uma possibilidade nos é dada através do cotidiano. Esta categoria da existência presta-se a um tratamento geográfico do mundo vivido que leve em conta as variáveis [...]: os objetos, as ações, a técnica e o tempo (SANTOS, 2004a, p. 315).

Esse compromisso é ratificado por Castro (1997, p. 7) que, ao introduzir sua obra dedicada ao debate sobre “A Geografia na vida cotidiana”, sugere que nos “perguntemos onde reside o compromisso da Geografia com a vida cotidiana”.

Essas proposições abrem à possibilidade argumentativa na Geografia, do cotidiano como categoria. Esse esforço interpretativo se apresenta junto à meta de configurar uma categoria de estudo que auxilie na análise espacial (SANTOS, 2004a, p. 19), especialmente na escola, no trabalho na sala de aula, como uma possibilidade, como um caminho relacionado com o conhecimento e com o método. Um empenho na Geografia, mas que interessa não apenas para a Geografia, porque o espaço geográfico como produto e produtor das relações sociais é seu objeto. Isso diz respeito ao cotidiano de todos os sujeitos que, como dimensão do social, deverá ser teorizado pela Geografia, já que a ela cabe uma parcela da responsabilidade dessa teorização. É a essa possibilidade que se refere Milton Santos:

A partir do entendimento que tivermos do que deve ser o objeto da disciplina geográfica, ficamos em condições de tratar geograficamente os objetos encontrados, mas esta proposição restará tautológica se não buscarmos as categorias analíticas que permitam rever o todo como realidade e como processo, como uma situação e como movimento (SANTOS, 2004a, p. 77).

É assim que o cotidiano apreende um entendimento do espaço, como vivo, aberto, relacional e sempre em construção. Como afirma Castro (1997), ao exemplificar a postura de um geógrafo urbano, “temos que nos render à evidência: o tratamento que damos à vida urbana tende a uma visão de imobilidade e inércia que não gravita nos fatos cotidianos” (p. 8).

Reiteramos que o cotidiano envolve (mas não se restringe) às ideias do compartilhado como mundo vivido por todos (do lugar). Tem relação também com a dimensão interpretativa do sujeito singular (pelo sujeito), que denominamos de arquitetônica espaço-temporal de sentidos, que é construído e que serve às construções de ideias dos sujeitos, no dia a dia e na escola. Por isso, é uma categoria que envolve o conhecimento espontâneo e propositadamente ensinado; então, é científica, mas é também didática, porque envolve a dimensão da implicação do sujeito no processo de significação do cotidiano.

A categoria cotidiano na dimensão científico-didática

O cotidiano, conjugado enquanto argumento “científico-didático”, tem assento baseado na obra de García Ruiz e Jiménez (2009, 2007, 2006). Sob este viés de interpretação, permite aproximar do sentido que peculiariza uma categoria interessada não apenas com a sustentação epistemológica, mas também entretecida de sentido e endereçada numa perspectiva metodológica didático-escolar. Quanto a esse aspecto, pode ser compreendida como relação que envolve uma argumentação teórico-científica (GARCÍA RUIZ e JIMÉNEZ, 2007, p. 10), por apreender um sentido de universalidade, que explica determinadas relações sustentadas epistemologicamente como constructos sociais em sistemas de objetos e sistemas de ações “aqui-agora”. Isso porque o cotidiano integra o conjunto de temas que compõe a espacialidade como dimensão do social, porque diz respeito à escala social de significados dos sujeitos, sempre na atualidade dos lugares. Uma atualidade na qual a arquitetura espaço-temporal está presente com força indepassável na vida e na escola, construída pelos sujeitos.

Ao atribuir um tratamento que é sustentado na relação com a espacialidade, é dado privilégio a essa dimensão científica. Isso denota estar envolvida a perspectiva epistemológica da espacialidade que abriga elementos do espaço geográfico, entendido, segundo Milton Santos, como sistema de objetos e sistemas de ações criadas socialmente. Uma “realidade relacional” (SANTOS, 2008a, p. 27) que é social, mas que – reiteramos - reconhece a força das coisas (nunca como condicionante determinista, todavia como influente relacional, dependente, sim, porém das interpretações construídas entre sujeitos), porque os lugares, nos quais se confrontam os cotidianos, “não são apenas constructos humanos” (MASSEY, 2008, p. 256).

A dimensão científica se constitui como uma forma de acercar-se da análise espacial a partir de critérios como relações que abrigam espacialidade do “aqui-agora” na perspectiva do sujeito com outros “aqui-agora”. Isso se justifica porque “‘a realidade vivida de nossas vidas cotidianas’ é completamente dispersa, não localizada em suas fontes e repercussões” (MASSEY, 2008, p. 260, grifo da autora) e, por isso, a relação se faz entre diferentes “aqui” no agora. Para Armando Corrêa da Silva, “a categoria, como um concreto ontológico, sempre deve dar conta do real, seja como universal, um particular ou singular” (*apud* BERNARDES, 2011, p. 169).

Como vida real dos sujeitos, o cotidiano pode ser considerado como uma categoria científico-didática da Geografia, no sentido de que envolve uma universalidade arquitetônica

espaço-temporal geográfica fundamental, que vai sendo construída interativa e intersubjetivamente e que referencia as interpretações dos sujeitos, oferecendo sustentação e abertura aos processos de compreensão (no sentido bakhtiniano e vigotskiano) singular de cada sujeito. Uma categoria com sustentação científica na Geografia, porque fundada em pressupostos espaciais que têm relação com a escala social de análise. Uma escala na qual a análise não entendida no sentido topológico ou topográfico, pois nestas as formas, as relações e posições têm acento principal⁸.

O cotidiano envolve também uma perspectiva didática, porque tem pressuposta uma possibilidade como meio e método de análise entre os “aqui-agora”. Quer dizer que constitui uma hermenêutica do diálogo intersubjetivo, que reside em um sujeito que é social, mas que é sempre dele a voz que enuncia. É nessa forma de espaço-tempo “necessariamente juntos, que repousa o caráter vivido [...] do mundo” (MASSEY, 2008, p. 90), que denominamos cotidiano.

A argumentação, na perspectiva didática, deve ser compreendida e analisada por dois vieses. Um viés no sentido de ser constitutiva do cotidiano, porque implica em um método, um modo de conhecimento e um modo de conhecer, pois tem uma interpretação construída e vivida intersubjetivamente, mas atribuída subjetiva e singularmente por cada sujeito. Outro viés é a concepção de que é também um dispositivo importante a ser considerado nos processos de ensinar e aprender na sala de aula, não apenas em Geografia, mas em todas as áreas do conhecimento escolar. Isso supõe uma arguição que é sustentada epistemologicamente por um cotidiano, no qual se reconhece que o espaço é inerente à constituição do sujeito e das suas aprendizagens; ou seja, porque o “*conteúdo geográfico do cotidiano também se inclui entre esses conceitos constitutivos e operacionais, próprios à realidade do espaço geográfico, junto à questão de uma ordem mundial e de uma ordem local*” (SANTOS, 2004a, p. 22-23, destaque nosso).

O sentido didático como categoria geográfica envolve sua existência como construção pelos e entre os sujeitos, porque a arquitetônica espaço-temporal tem relação de dependência com a interpretação singular e original, que é atribuída por cada sujeito. Este é um “corpo espacial, produto e produção de um espaço, dele recebe imediatamente as determinações: simetrias, interações e reciprocidades de ações, eixos e planos, centros e periferias, posições concretas, ou seja, espaço-temporais”, como analisa Lefebvre (2006, p. 156). Além disso, essa arquitetônica espaço-temporal é fundamental nos processos de significação dos

⁸ Milton Santos analisou a espacialidade por meio de formas, funções, processos e estruturas (SANTOS, 1985). No avanço de suas pesquisas priorizou os sistemas técnicos (SANTOS, 2008b, 2008c, 2004a, 2000).

conhecimentos escolares, pois é dispositivo com o qual se realiza o pensar, ou seja, é gerador de significados aos conhecimentos na escola. Assim, é essa arquitetônica espaço-temporal que influirá nas significações outras, novas e diferentes que o sujeito atribuirá àquilo que aprender na escola.

Considerações finais: o cotidiano geográfico na sala de aula

Se os sujeitos estão e são como um “aqui” em interação com outros “aqui”, é com eles que são construídas as relações de sentidos que envolvem forças de proximidades e distâncias. Cotidiano é dialógico, aberto e prospectivo e, para a mediação pedagógica, é importante que seja considerado como categoria científico-didática, porque tem coimplicadas as compreensões (intersubjetivas, mas subjetivamente singulares) acerca desse “aqui-agora”, que são condição indepassável às relações construídas na aula.

Nesse sentido, como referimos, ambas as vias de cotidiano “do lugar” e “pelo sujeito” são importantes e inseparáveis. Mas, aqui, o empenho foi para afirmar a dimensão científico-didática do cotidiano sustentado geograficamente.

É importante reconhecer que cotidiano e espaço geográfico estão nos conhecimentos trabalhados nas aulas. Pois, têm elementos acerca da realidade atual que a esses não se restringem, mas cuja atualidade dos lugares se relaciona com os conhecimentos conceituais. Por exemplo, em uma aula cujo tema são os acordos econômicos, o conteúdo é Mercosul (na Geografia, na Biologia, na Matemática, etc.) a pecha da atualidade tomada ao debate é uma notícia sobre produtos barrados pela aduana brasileira. Caso se trate de uma aula de Geografia, o conhecimento geográfico compreende, entre outras, noções de regiões e redes. A atualidade (notícia) compõe o cotidiano e serve como dispositivo que desencadeia ou é relacionada com o conhecimento.

Contudo, essa dimensão de cotidiano é apenas parte do processo, pois, as aprendizagens acerca desse cotidiano se constroem permeadas indepassavelmente pela arquitetônica do professor e do aluno. O que ambos compreenderão tem relações com esses tons atribuídos por cada sujeito presente na aula. Considerar que seus enunciados, enquanto professor, estão implicados à sua arquitetônica, portanto é diferente da arquitetônica do aluno. Porém, considerando a especificidade da educação escolar, não é a espontaneidade da informação que sustenta a noção de cotidiano, mas a rigorosidade de seu alicerce em princípios geográficos.

Ao concluirmos essa arguição, trazemos alguns elementos para apontar como o professor pode considerar o cotidiano enquanto categoria científico-didática em suas aulas. Entendemos e propomos que é fundamental que o professor compreenda que tomar o cotidiano como elo às aprendizagens nas aulas é considerar as atualidades do mundo intrincadas nos conceitos e conteúdos trabalhados, mas é fundamentalmente considerar a arquitetura construída pelos alunos. Isso pode ser realizado atentando à importância de alguns processos didático-pedagógicos:

- a) Tomar os conhecimentos e conceitos de sua área como marcas fundamentais na e da aula;
- b) Assumir a espacialidade geográfica em todos os conteúdos trabalhados, acolhendo-os enquanto produtos e produtores de processos que têm sempre envolvidas a natureza e a sociedade, nunca uma ou outra;
- c) Reconhecer e respeitar os complexos de pensamentos dos alunos, ou seja, suas arquitetônicas individuais (que são de natureza social), não para desqualificar a espontaneidade envolvida no entendimento das mesmas, mas para com elas construir relações com os conhecimentos conceituais trabalhados na aula;
- d) Planejar e construir percursos de provocações e oportunidades de relações pautadas no reconhecimento e no respeito às ideias inerentes à arquitetura de sentidos e significados seus e dos alunos, construídos até então e que serão tomados às relações com os conhecimentos conceituais;
- e) Adotar postura e atitude de modo que ocorra uma mediação dialógica. Diálogo entre as arquitetônicas dos sujeitos da aula, e destes com teorias e teóricos, envolvendo conhecimentos conceituais geográficos;
- f) Entender o diálogo como processo de interrogar e interrogar-se, experimentando e provocando os outros a experimentarem outros modos de pensar. Pautar-se no processo de argumentar, não para convencer um ao outro acerca de seus entendimentos, mas para que seus entendimentos sirvam à ceara argumentativa, para todos se disporem a pensar acerca desse em relação com o seu modo de pensar, sempre em relações prospectivas com os conhecimentos científicos.

Esses atentamentos podem auxiliar para assumir o cotidiano como categoria geográfica e enquanto elo prospectivo às aprendizagens em todas as áreas. Pois, como refere Massey (2013), o cotidiano tem formas espaciais, uma vez que os tons emotivo-volitivos são elaborados de modo intrincado às relações espaço-temporais geográficas. Porém, precisa ser arbitrariamente evocado para qualificar as aprendizagens. Como sentido científico e didático,

a arquitetônica espaço-temporal é construção dialógica, aberta e relacional, é dispositivo do pensar. É, por isso, uma abordagem exigente de análise, porque é com o “pensar” que o diálogo propositado com a tradição conta em seus processos de ensinar e de aprender.

Reiteramos que não se trata apenas do cotidiano como atualidade dos lugares e do mundo. Essa atualidade que envolve também temporalidades tem relação com os conceitos trabalhados na sala de aula. Mas, como se trata de uma aula que tem mediação pedagógica, é fundamental que sejam respeitados os pressupostos geográficos implicados nessa dimensão em relação à noção de cotidiano. Geográfico compreende espacial, porém, por sua natureza social, por isso é importante cuidar para realizar análises e tratamentos de cotidiano geográfico implicando natureza e sociedade.

A forma espacial geográfica do cotidiano permite propô-lo como categoria científico-didática, sustentando-o enquanto dispositivo às aprendizagens sistemáticas, pautado em pressupostos científico-didáticos da Geografia. Mas, para que isso ocorra, é importante reconhecê-lo enquanto arquitetônica espaço-temporal construída pelos sujeitos e assumir o diálogo fundamentalmente como possibilidade metodológica nas aulas.

Referências

ANDREIS, Adriana M. *Cotidiano: Uma categoria geográfica para ensinar e aprender na escola*. Tese (doutorado). UNIJUI/RS, 2014.

ALVES, Nilda (Org.). *Decifrando o pergaminho: o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas*. In: OLIVEIRA, I.B.; ALVES, N. (Org). Pesquisa no/do cotidiano das escolas. Sobre redes e saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martin Fontes, 2010.

BERNARDES, Antônio. *Quanto às categorias e aos conceitos*. Revista Formação Online, n.18, v.2, p. 165-171, jul./dez., 2011. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/viewFile/602/1225>>. Acesso em: 15 maio 2013.

CASTRO, Constancio de. *La Geografía en la vida cotidiana: dos mapas cognitivos al prejuizo regional*. Barcelona: Ediciones del Sebal, 1997.

CAVALCANTI, Lana de Souza. *Geografia, escola e construção de conhecimentos*. Campinas: Papyrus, 1998.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. *Pesquisa com o cotidiano*. Educação e Sociedade, Campinas, v. 28, n. 98, p. 73-95, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n98/a05v2898.pdf>> Acesso em: 20 jan. 2013.

GARCÍA RUIZ, Antonio Luis; JIMÉNEZ, José Antonio; RODRÍGUEZ, Efrén. *Bases teóricas do modelo de princípios científico-didáticos para o ensino de Geografia e História*. Revista Paradigma, v. XXX, n. 1, jun. 2009, p. 31 – 61. Disponível em: <<http://www.scielo.org.ve/pdf/pdg/v30n1/art03.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2012.

_____. *La implementación de los principios científico-didáticos (P.C.D) en el aprendizaje de la Geografía y de la historia*. Granada/Espanha: Universidade de Granada, 2007.

_____. *Los principios científico-didáticos (PCD): nuevo modelo para la enseñanza de la geografía y de la historia*. Universidad de Granada: Granada/Espanña, 2006.

GEGe – GRUPO DE ESTUDOS DOS GENEROS DO DISCURSO. *Palavras e contrapalavras: glossariando conceitos, categorias e noções e de Bakhtin*. Caderno de estudos I para iniciantes, São Carlos: Pedro e João editores, 2009.

LEFEBVRE, Henri. *A produção do espaço*. Trad. Doralice Barros Pereira e Sergio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4 ed. Paris: Edition Anthropos, 2000). Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/arq_interface/1a_aula/A_producao_do_espaco.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2013.

MARQUES, Mario Osorio. *Aprendizagem na mediação social do aprendido e da docência*. Ijuí: Editora da UNIJUÍ, 2000.

MASSEY, Doreen. *Pelo espaço*. Rio de Janeiro/RJ: Bertrand Brasil, 2008.

_____. *RE: Buenos días Doreen*. Mensagem pessoal. Mensagem recebida por <adrianandreis@hotmail.com> em 01 mai. 2013. Documento de uso restrito.

SANTOS, Milton. *Espaço e método*. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. *La naturaleza del espacio: técnica y tempo. Razón y emoción*. Barcelona: Ariel, 2000.

_____. *A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção*. São Paulo: EDUSP, 2004a.

_____. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: EDUSP, 2008a

_____. *Por uma Geografia nova*. São Paulo: EDUSP, 2008b

_____. *Da totalidade ao lugar*. São Paulo: EDUSP, 2008c.

VEIGA-NETO, Alfredo. *É preciso ir aos porões*. Revista Brasileira de Educação, v. 17, n. 50, maio-ago. 2012, p. 267-282. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v17n50/v17n50a02.pdf>>. Acesso em: 02 abr. 2013.

WERTSCH, James. *Voces de la mente: um enfoque sociocultural para el estudio de la acción mediada*. Madrid: Visor, 1993.

Adriana Maria Andreis

Professora na Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS/Chapecó/SC (Licenciatura em Geografia, PPGGeo/Mestrado em Geografia e PPGE/Mestrado em Educação). Mestre e doutora em Educação nas Ciências: concentração Geografia pela UNIJUI – Ijuí/RS com doutorado sanduíche pela Universidad Autónoma de Madrid - UAM, Espanha. Atuou durante mais de vinte anos como professora na Educação Básica (Ensino Fundamental e Médio). Sua pesquisa, extensão e ensino se relacionam com noções implicadas nos processos de ensinar e aprender, com destaque à perspectiva da educação geográfica, sustentada em conceitos e categorias espaço-temporais. Realiza estudos no campo da política curricular, abrangendo temas relacionados com a potência do cotidiano na perspectiva da educação integral. É pesquisadora (líder) do Grupo de Pesquisa Espaço, Tempo e Educação (GPETE - UFFS/SC), grupo de pesquisa Ensino e Metodologias em Geografia e Ciências Sociais (UNIJUI/RS) e Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso (GEGE - UFSCAR/SP).

Recebido para publicação em 10 de outubro de 2019.
Aprovado para publicação em 20 de novembro de 2019.
Publicado em 02 de dezembro de 2019.